

GÊNERO, RAÇA E ASCENÇÃO SOCIAL¹

SUELI CARNEIRO

ASHELL ASHELL PRA TODO MUNDO ASHELL

Ela mora num Brasil
mas trabalha em outro Brasil
Ela bonita saiu Perguntaram Você quer vender bombri?
Ela disse não
Era carnaval Ela não-passista sumiu
Perguntaram empresta tuas pernas bunda e
quadris para um clip exportação?
Ela disse não
Ela dormiu Sonhou penteando os cabelos sem querer
se fazendo um cafune sem querer
Perguntaram você quer vender henê?
Ela disse nããã
Ficou naquele não durmo não falo não como
Perguntaram Você quer vender omo?
Ela disse NÃO!
Ela viu um anuncio da cõsul para todas as mulheres do mundo
Procurou não se achou ali Ela era nenhuma
Tinha destino de preto
Quis mudar de Brasil ser modelo em Soweto
Queria ser qualidade Ficou naquele ou eu morro ou eu luto
Disseram As vezes um negro compromete o produto
Ficou so Ligou a tv
Tentou achar algum ponto em comum entre ela e o free
Nenhum
A não ser que amanhecesse loira cabelos de seda shampoo

¹ Esse artigo poderia bem chamar se Como tornar se uma Williams vendendo um Fusca e comprando um Monza

mas a sua cor continua a mesma!
Ela sofreu eu sofri eu vi
Pra fazer anuncio de free tenho que ser free ela disse
Tenho que ser sabia finhosa sutil
Ir a luta sem ser martir
Luther marketing
Luther marketing in Brasil!
(Elisa Lucinda Da serie Brasil meu espartilho)

Para o antropologo Georges Balandier o principio da sexualidade ou a ideia da unidade dos contrarios estrutura toda a concepção mitica negro africana desdobrando se nas instituições e relações sociais. Essas relações são pensadas em primeiro lugar por analogia com a união que associa os sexos generalizando o casamento das diferenças ou dos contrarios e gerando o dualismo sexualizado como modo de interpretação e de construção real ou simbolica do mundo e da sociedade. E conforme esse modelo que se formam as relações entre grupos considerados **estrangeiros** sob certos aspectos. A troca de mulheres estabelece sua aliança concebida no âmbito das coletividades como o casamento de dois elementos diferentes e por consequência opostos de dois grupos que se podem dizer respectivamente masculino e feminino tal como se revela pelo exemplo dos Fang gaboneses e dos Camarões ²

Esta visão de mundo dos Fang gaboneses talvez possa nos oferecer novas pistas para encontrar outras respostas a uma questão recentemente colocada em debate por um texto de Joel Rufino dos Santos no qual ele pretende explicar **‘ Por que os negros que sobem na vida arranjam logo uma branca e de preferência loira?’**³

O texto de Balandier citado acima particularmente no que diz respeito ao sentido que as trocas de mulheres têm na regulação das relações entre grupos diferentes nas sociedades africanas poderia sugerir um outro título para este artigo qual seja A Africanidade de Joel Rufino. Deixamos esta escolha ao leitor. Você decide.

Mas o nosso autor não se deixara capturar assim tão facilmente. Procurara mascarar a sua negritude respondendo a questão que se colocou com o seguinte argumento. A parte mais obvia da explicação e que a branca e mais bonita que a negra e quem prospera troca automaticamente de carro. Quem me conheceu dirigindo um Fusca e hoje me vê de Monza tem certeza de que ja não sou um pe-rapado o carro como a mulher e um signo ⁴

Consideremos que e uma explicação facil demais vinda de quem vem e por ser tão simplista faz supor que se destina mais a ocultar (quem sabe a tal negritude) do que a revelar.

Ao operar a partir de uma logica de mercado segundo a qual quem tem

² BALANDIER Georges *Antropo logicas* Sao Paulo Cultrix/Universidade de Sao Paulo 1976 p 41

³ BARBOSA Wilson do Nascimento e SANTOS Joel Rufino dos *Atras do Muro da Noite (Dinamica das Culturas Afro Brasileiras)* Brasília Ministerio da Cultura/Fundação Cultural Palmares 1994 p 163

⁴ Ibidem

mais dinheiro compra o melhor no caso um Monza Joel Rufino incorre em duas grandes falácias. A primeira é tentar investir alguns homens negros de poder. A segunda é escamotear a tensão racial presente na relação interétnica porque a exogamia e as trocas matrimoniais que ela rege asseguram a transformação de um estado de hostilidade ou de antagonismo real ou potencial num estado de paz e de aliança. A mulher circulando pela rede das trocas matrimoniais é o instrumento dessa conversão que a constitui como meio sinal ou penhor de aliança.⁵

O estupro colonial da mulher negra pelo homem branco no passado e a miscigenação daí decorrente criaram as bases para a fundação do mito da cordialidade e democracia racial brasileira. A apropriação sexual da mulher branca pelo homem negro na contemporaneidade nos termos colocados por Joel Rufino forja o mito da ascensão social do homem negro escondendo através do subterfúgio da primazia estética e social da mulher branca o desejo de pertencimento e de aliança com um mundo restrito aos homens brancos no qual para adentrar homens negros em suposto processo de ascensão social utilizariam-se de mulheres brancas como avalistas.

Conforme Sonia Giacomini a exaltação sexual da escrava e o culto à sensualidade da mulata tão caros à nossa cultura branca e machista vistos sob um novo prisma mais do que explicar os ataques sexuais às escravas parecem cumprir uma **função justificadora**⁶ do senhor de escravos enquanto vítima do que Giacomini chama de superexcitação genésica das escravas negras. Um exemplo estudado por Edith Piza no artigo *Da cor do pecado* é ilustrativo disso. Gozas com a mesma competência com que fazes teus banquetes delicias dos juizes dos doutores dos coroneis () Naufrago em tuas ondas largas profundas ressurgio em teus abismos. E tu tanajura rainha me envolve com teus braços de sereia noite escura cheia de murmurios () So existo em tua escuridão o teu negrume tuas ondas bravas.⁷

Da mesma forma Joel Rufino afirmara em relação à mulher branca: O negro sempre que pode prefere a branca porque ela é mais gostosa. Gostosa é uma categoria sexual socialmente construída a pele clara é mais que a pele clara o cabelo liso prometem mais gozo que outros.⁸ A exaltação da beleza da mulher branca tem a mesma função justificadora neste caso da deserção de um determinado tipo de homem negro em relação ao seu grupo racial sendo a mulher branca como Joel afirma mais bonita e mais gostosa este homem negro encontraria-se prisioneiro da sedução das formas brancas como os senhores de engenho seriam cativos da sexualidade transgressora de suas escravas. Mas por outro lado ao definir a mulher branca também como um **objeto** de ostentação social Joel Rufino explicita o objetivo fundamental do seu texto reivindicar para este tipo de homem negro o mesmo estatuto de que desfruta o homem branco em nossa sociedade. Para este homem negro deixar de ser um pe-rapado e adquirir uma mulher

⁵ BALANDIER *op cit* p 38

⁶ GIACOMINI Sonia Maria *Mulher e Escrava* Petropolis Editora Vozes 1988 p 66

⁷ PIZA Edith *Da cor do pecado* in *Revista Estudos Feministas* n 1/95 p 54

⁸ BARBOSA *op cit* p 163

branca significaria libertar-se da condição social de negro e colocar-se em igualdade em relação ao homem branco. E por pretender-se neste lugar que Joel Rufino para sustentar suas bravatas permite-se olhar para as mulheres do alto de sua hipotética supremacia de macho e torna-las como Fuscas ou Monzas a sua disposição no mercado tal como um senhor de engenho considerava e usava brancas e negras.

a construção da identidade é um processo que se dá tanto pela aproximação com o **outro** (aquele com quem desejamos nos assemelhar e que é qualificado positivamente) como pelo afastamento do outro (de quem nos julgamos diferentes e qualificamos negativamente). Na tentativa de diminuir o medo e a ansiedade de causados pela possível semelhança ou dessemelhança entre eu e o outro **reproduzo** imagens que me aproximem do positivo e me afastem do negativo ⁹ (grifo nosso).

As frases anteriormente citadas de autoria de Joel Rufino constam em um artigo do livro *Atrás do Muro da Noite (Dinâmica das Culturas Afro Brasileiras)* recentemente publicado pela Fundação Cultural Palmares e merecem algumas outras considerações.

Em primeiro lugar é verdadeiro que as mulheres negras são socialmente desvalorizadas em todos os níveis inclusive esteticamente como é verdadeiro também que as mulheres brancas constituem o ideal estético feminino em nossa sociedade. Portanto neste sentido não estamos em desacordo com o Sr Joel Rufino e lhe reconhecemos conforme ele mesmo reivindica ao longo de seu artigo todo o direito de amar e venerar as mulheres brancas. Nas mulheres negras ou brancas não somos fiscais do tesão de ninguém, temos outras prioridades políticas o combate a todas as formas de discriminação e violência sofrida pelas mulheres em geral e pelas mulheres negras em particular. Por isso não lhe damos o direito de cosificar ou reficar as mulheres tratando-as a partir do mais grotesco chauvinismo como objetos de consumo ou ostentação. Meros adornos do *status* e poder de um homem.

A desqualificação estética da mulher negra e a suposta valorização estética da mulher branca classificadas respectivamente como Fuscas e Monzas longe de ser um artifício retórico através do qual como se esperava o autor iria desvelar criticamente a perversa lógica machista e racista presente nas relações afetivas interétnicas e dentro do grupo negro, contrariamente presta-se somente a ratificar de forma naturalista os preconceitos e estereótipos correntes no imaginário social a respeito das mulheres.

Porém a ratificação destes estereótipos objetiva fundamentalmente o ocultamento de uma ferida narcísica escondida em qualquer homem negro. Alguns diferentemente de Joel Rufino preferem reconhecê-la e enfrentá-la ao invés de escamoteá-la através do mito da ascensão social do homem negro.

Qualquer homem negro no Brasil por mais famoso que seja ou por maior mobilidade social que tenha experimentado não tem poder real. Não é dono dos bancos, não tem controle das grandes empresas, não tem representação política ou reconhecida importância intelectual e acadêmica. Esses são os elementos concretos que investem de poder pessoas ou segmentos em nossa sociedade.

Qualquer poder que o homem negro exerça, ele o faz por delegação do

⁹ PIZA Edith op cit p 56

branco de plantão que pode destituí-lo a qualquer tempo por isso e consentida a mobilidade individual de alguns negros ao mesmo tempo que é controlada e reprimida a mobilidade coletiva posto que o negro em processo de ascensão individual está fragilizado e sob o controle do poder do branco e uma das garantias exigidas pelo poder branco a este negro (para que ele não caia) e a sua lealdade. Portanto o homem branco permite que alguns negros participem do poder preferencialmente naqueles lugares que não têm importância para os brancos.

Mesmo os negros que devem o seu sucesso aos seus próprios talentos pessoais são prisioneiros desta perversa dinâmica e vêem-se impotentes para transferir o seu prestígio pessoal para o seu grupo racial. Embora desfrutem individualmente de uma situação privilegiada sabem que não representam nada que tenha relevância política social ou econômica porque os negros enquanto coletividade são considerados a parcela descartável de nossa sociedade e se bem sucedidos individualmente servem apenas para legitimar o mito da democracia racial.

A ferida narcísica e a consciência ou o fantasma desse círculo vicioso dessa impotência crônica que se mantém apesar do sucesso. Impotência social política e econômica determinada historicamente pela supremacia e dominação exercida pelo homem branco sobre nós por quase cinco séculos obrigando o homem negro entre outras coisas a assistir a apropriação sexual de suas mulheres pelo colonizador branco a serem sustentados por elas quando saem da escravidão e são preferidos pelos imigrantes brancos no mercado de trabalho gerado pela industrialização nascente. Estas condições os incapacitaram de exercer o papel de provedores de suas mulheres e filhos um dos pilares da ideologia patriarcal. Contraditoriamente os homens negros creditaram sua sobrevivência muitas vezes aos recursos auferidos pelas mulheres negras prostituídas por homens brancos ou por eles mesmos.

Ouvi de uma indígena latino-americana numa conferência de mulheres na Alemanha que sempre que um povo é submetido os vencedores violam as mulheres do vencido. O estupro das mulheres e o momento de consolidação da vitória de um grupo de homens sobre outro. E quando se quebra de vez a espinha dorsal e o moral do derrotado. Joel Rufino reflete isso ao admitir que Toda a ânsia de ascensão do negro talvez tenha por objetivo ser o branco e ele só o alcança - ou julga alcançar - quando enfim possui sexualmente a branca.¹⁰

Neste sentido para Joel Rufino tomar a mulher branca talvez represente a possibilidade dessa revanche histórica. E poder levantar a espada e dizer ao inimigo que se está pronto para uma nova batalha ainda que isto tenha apenas um sentido simbólico e quixotesco porque em sociedades nas quais os negros foram capazes de desencadear processos de emancipação coletiva não se encontra os índices de exogamia existentes no Brasil muito menos entre líderes e personalidades negras. Martin Luther King, Malcolm X, Mohamed Ali, Nelson Mandela, Denzel Washington, Eddie Murphy, Colin Powell, Mike Tyson, Jesse Jackson, Magic Johnson para citar apenas alguns negros ricos ou famosos e que detêm parcelas reais de poder. Esses homens negros além dos seus talentos pessoais expressam fundamentalmente conquistas engendradas por suas comunidades no confronto racial por

¹⁰ BARBOSA op cit p 165

isso não precisam utilizar a mulher branca como emblema ou garantia de seu sucesso. O inverso: aquilo que Joel Rufino festeja como símbolo de mobilidade social do negro brasileiro e representado minoritariamente: Michel Jackson ou O J Simpson são motivos de constrangimento para os negros daquela sociedade.

Em outro sentido: para homens e mulheres negros engajados e comprometidos com a mudança das relações raciais e sociais no Brasil e no mundo: seus parceiros quando brancos não são objetos de consumo, símbolos de *status*, nem garantia de mobilidade social. São companheiros e companheiras, portanto **seres humanos** que não simbolizam êxito, mas sim a possibilidade do encontro, da solidariedade e do amor entre grupos étnicos e raciais diferentes. São parceiros que colocam sua representação social ou seu prestígio pessoal a serviço da luta pela igualdade de direitos e oportunidades para todos.

Diferentemente: para negros em processo de mobilidade social individual, descolado das estratégias de luta de suas comunidades, como parece ser o caso do homem negro construído por Joel Rufino no texto, a relação interétnica representa a consolidação de uma aliança sem a qual esta mobilidade estaria comprometida, porque o intercâmbio matrimonial, ao mesmo tempo que ligam um homem e uma mulher, socializando sua sexualidade, corroboram para a articulação da sociedade masculina e da sociedade feminina e instauram uma aliança entre os grupos a que pertencem.¹¹ Neste sentido, considerando que simbolicamente, diante do poder hegemônico do homem branco em nossa sociedade, todos os demais somos fêmeas, a mulher branca enquanto representação do poder dos brancos em geral e a mediação através da qual se processa o diálogo e o pacto entre a sociedade masculina, neste caso, entendida como os homens brancos, e a sociedade feminina, ou seja, os homens negros de Joel Rufino. Outro aspecto desta questão é que a mulher branca permite a esse homem negro apresentar-se diante do homem branco, aliviado do complexo de castração, porque tornou-se capaz de tomar a mulher **dele**, condição indispensável para que homens machistas, que historicamente não puderam defender suas mulheres e tiveram que ceder-las a outro, sintam-se recuperados em sua auto-estima e capacidade falica. Talvez por isso, para Joel, a branquidão e todos os seus demais atributos ofereçam um gozo maior.

Parece que para Rufino esta é a função estratégica que a mulher branca cumpre junto ao homem negro: resgata-lo da humilhação secular, emprestando-lhe o pênis emblemático de sua branquidão, símbolo de poder em toda a parte, que o coloca mais próximo do homem branco e, supostamente, o habilita para partilhar de seu poder. Como sabemos, um dos atributos da exogamia é que ela permite aumentar o campo das relações sociais, ligando grupos que, segundo certos critérios, se entendem **estrangeiros** e, por isso mesmo, perigosos uns aos outros, na medida que o outro permanece, dizem os Nuer do Sudão, como um inimigo virtual.¹²

Em oposição à mulher branca, Joel Rufino definiu a mulher negra como uma mulher fácil, um Fusca que qualquer pe-rapado pode ter. Isto faz lembrar

¹¹ BALANDIER op. cit. p. 40

¹² Ibidem p. 38

colocações feitas por um outro homem negro para quem as mulheres negras não teriam resistido ao estupro colonial e mais que isso teriam copulado gostosamente com o colonizador sendo responsáveis pelo início de nossa ampla mestiçagem. Para Heleieth Saffioti as relações sexuais entre os senhores e escravas desencadeavam por mais primárias e animais que fossem processos de interação social incongruentes com as expectativas de comportamento que presidiam a estratificação em castas. Assim, não apenas homens brancos e negros se tornavam concorrentes na disputa das negras, mas também mulheres brancas e negras disputavam a atenção do homem branco.¹³

Na deliberada desqualificação das mulheres negras feita por Joel talvez se esconda essa outra fenda narcísica: a ideia de que as mulheres negras enfrentaram com muito prazer o assalto sexual dos homens brancos, estabelecendo com eles uma cumplicidade devida ao homem negro.

A publicação deste texto escapa a toda lógica de conveniência política da qual Joel Rufino é sempre tão zeloso. Não parece também fruto de nenhum surto repentino de valentia, como ele pretende insinuar no texto. Então, o rancore e o cinismo machista e racista presentes em cada frase indicam que algo muito profundo escapou de seu controle e explodiu na forma de ódio pelas mulheres negras, por sua suposta falta de fidelidade histórica ou seja, pela sua incapacidade de resgatar socialmente a si mesmas e a seus homens, na medida em que a união de dois elementos, sob certos pontos de vista semelhantes ou parentes, não é socialmente fecunda, visto que esta relação fecharia o campo das relações. A união de semelhantes apresenta-se como o estado zero das relações sociais.¹⁴ Portanto, para quem se encontra em pleno gozo de ascensão social, a união de **Fusca** com **Pois e** so pode simbolizar estagnação ou retrocesso quando vista pela ótica de Joel Rufino.

Entretanto, o texto explode também em ódio pelas mulheres brancas, devido aquilo que representam do poder branco e castrador. E por considerar a mulher branca apenas um instrumento neste duelo, que Joel se permite coisificá-la, tratando-a como sinônimo de Monza. Estamos diante daquilo que o poeta negro Arnaldo Xavier considera o único espaço de cumplicidade efetiva existente entre o homem negro e o homem branco: o machismo. Eles estavam de acordo e seriam cúmplices pelo menos nisso: no direito que ambos se dão de oprimir, discriminar e desumanizar as mulheres brancas ou negras. Aquilo que no início do texto seria a hipotética africanidade de Joel Rufino se revela como o denominador comum da maioria dos homens de diferentes culturas, raças e etnias.

Na verdade, as mulheres são usadas neste texto de Rufino como cortina de fumaça de uma briga de machos, que não ousa se explicitar totalmente na qual a necessidade de conquista da mulher branca reflete a inveja do poder do branco, o ressentimento e o ódio acumulados em quase cinco séculos de dominação e desigualdades raciais. De fato, o alvo real, ainda que dissimulado, é o homem branco e é dirigido a este a imperiosa necessidade de ostentar uma mulher branca, porque os demais, para Joel Rufino, são meros objetos: Fuscas e Monzas ou pes-rapados.

¹³ SAFFIOTI, Heleieth. *A Mulher na Sociedade de Classes: mito e realidade*. Petrópolis: Vozes, p. 165.

¹⁴ BALANDIER, op. cit., p. 41.

No entanto Joel é brando quase silencioso em relação ao homem branco este inimigo amado e odiado o verdadeiro objeto de desejo

E neste aspecto que reside o cerne do problema colocado por este artigo de Joel Rufino Percorrendo mais uma vez caminhos abertos por Edith Piza no artigo já citado consideremos que Joel Rufino poderia através da utilização crítica da estereotipia feminina reconstruir novos significados para as mulheres e para as relações interétnicas incorporando em sua análise do imaginário social acerca das mulheres toda a desconstrução que historicamente o feminismo vem empreendendo a este imaginário e que Joel Rufino tão bem conhece Então por que Joel não o faz? Por que ele se limita a trabalhar com esta estereotipia de forma naturalista persistindo na objetificação das mulheres tratando-as como signos emblemas adornos Fuscas e Monzas? Porque Joel Rufino estava agindo em legítima defesa Porque para ele esta estereotipia presta-se à construção de um novo significado não para as mulheres nem para as relações interétnicas mas sim para os homens negros Ao congelar as mulheres nestes estereótipos ele promove o novo o homem negro liberto de seus estigmas e **sujeito** de um discurso sobre as mulheres O que está sendo demarcado e que não estamos mais diante do pobre negro lido que conheceu a mulher branca se espojou nas suas carnes brancas enfiou o membro disforme e sujo na sua gruta de Vênus ¹⁵ e que depois ajoelhado diante do patrão branco pede perdão O negro que segundo Joel significa para o branco sujeira luxúria e **perigo** ¹⁶ (grifo nosso) O lugar de onde Joel Rufino nos fala é do negro que experimentou ascensão social o negro bem sucedido que resgatou sua humanidade através do prestígio ou do dinheiro e por ter-se tornado **sujeito** adquiriu o direito tal como o homem branco se dá de **nomear e valorar** coisas e pessoas

A desumanização das mulheres no texto funciona como elemento de afirmação da humanização do homem negro porque o inscreve na lógica masculina dominante e ao fazê-lo eleva-o à mesma categoria dos homens brancos o que por conseguinte ratifica o mito da mobilidade social do homem negro Neste contexto a coisificação da mulher branca além de expressar este novo *status* e também um símbolo da aliança com aquele universo branco dominante que produz e reproduz as discriminações e desigualdades raciais e sexuais tanto no universo concreto como no imaginário E desta maneira que Joel Rufino realiza a façanha que está na primeira nota deste artigo tornar-se uma *Williams* vendendo um Fusca e comprando um Monza Sendo assim no jeito manso e cuidadoso de Joel tratar o homem branco no decorrer do texto o que está colocado é a **incerteza** que afeta a relação de aliança associa e pacífica mas comporta () o risco do retornamento da oposição subjugada a volta ao antagonismo declarado ¹⁷ Talvez isto explique a forma melancólica e fatalista com que Joel Rufino encerra o seu texto A submissão completa e a única maneira de se conjurar os demônios ¹⁸

¹⁵ BARBOSA op cit p 169

¹⁶ Ibidem

¹⁷ BARBOSA op cit p 39

¹⁸ Ibidem

Portanto a insustentabilidade da tese da mobilidade social individual para responder aos problemas dos negros manifesta-se na impossibilidade de se travar o confronto real colocado pelo conflito racial. Então a resposta de Joel a essa dor e a essa impotência será a misoginia. Ele sabe que nenhuma mulher branca ou negra pode apagar as marcas deixadas pela história e que se reproduzem no presente mas vinga-se **nelas** tratando as brancas como objetos de luxo do seu proselitismo machista e as negras como objetos de segunda categoria disponíveis no mercado por um preço módico.

Sob outro aspecto é fundamental e estratégico para ele desqualificar em especial a mulher negra porque atrás do rosto escuro de cada uma de nós estão mães, avós, irmãs, escravas, mucamas de cama, mesa e banho. Testemunhas de uma história de derrotas e fracassos da qual somos todos herdeiros e que nenhuma **estória** de mobilidade social individual pode apagar. Só a recuperação coletiva de nossa capacidade de autodeterminação pode fazê-lo. E é isto que homens e mulheres negros organizados buscam realizar através das inúmeras entidades negras espalhadas por todo o país que na luta política cotidiana contra o racismo e a discriminação racial forjam propostas de emancipação social e de resgate da dignidade de todo o povo negro deste país.

Mas paradoxalmente Joel Rufino prefere esquecer a história e opta por escrever **estórias** em que seres humanos são transformados em Fuscas e Monzas, pilotados por um pobre negrinho que um dia dormiu e sonhou que era campeão de Fórmula 1.